

**O Turismo e a comunidade da Favela da Rocinha no Rio de Janeiro/RJ:
um estudo sobre a visitação na favela pelo olhar do morador**

Bethânia Feller da Silva

Resumo: este estudo tem como objetivo investigar a percepção do morador da comunidade em relação à prática do Turismo na Favela da Rocinha, no Rio de Janeiro/ RJ. Como objetivos específicos busca descrever o histórico da cidade do Rio de Janeiro; conceituar o Turismo em Favela; caracterizar a prática de turismo em favela realizada por agências nas Rocinha; descrever a história da Favela da Rocinha e a implantação do Turismo; verificar junto aos moradores que não estão diretamente relacionados ao Turismo a sua percepção quanto à prática do Turismo na comunidade. Quanto à metodologia, o estudo se classifica como pesquisa exploratória e descritiva de abordagem qualitativa e os procedimentos técnicos são a pesquisa bibliográfica, documental e de campo. A pesquisa de campo foi realizada com moradores da Favela da Rocinha e com os responsáveis por duas agências de Turismo que operam o Tour na Favela da Rocinha. Diante disso, verificou-se que a maioria dos moradores entrevistados não se incomodam com as visitas na favela.

Palavras-chave: Turismo em Favela; Rocinha; Rio de Janeiro; Tours; Moradores; Comunidade.

Abstract: This study aims to investigate the perception of community residents regarding the practice of Tourism in the Favela of Rocinha, Rio de Janeiro / RJ. As specific objectives, it seeks to describe the history of the city of Rio de Janeiro; Conceptualize Tourism in Favela; To characterize the favela tourism practice carried out by agencies in Rocinha; To describe the history of the Favela of Rocinha and the implantation of Tourism; Check with the residents who are not directly related to Tourism their perception regarding the practice of Tourism in the community. Regarding the methodology, the study is classified as an exploratory and descriptive research of qualitative approach and the technical procedures are the bibliographical, documentary and field research. Field research was conducted with residents of the Favela da Rocinha and those responsible for two tourism agencies that operate the Favela of Rocinha Tour. In the face of this, it was verified that the majority of the residents interviewed do not bother with the tourist visits in the favela

Key-Words: Tourism in Favela; Rocinha; Rio de Janeiro; Tours; Residents; Community.

1 INTRODUÇÃO

A cidade do Rio de Janeiro é conhecida como uma das sete maravilhas do mundo moderno. Foi capital do país até Brasília ser construída em 1960. A cidade recebe turistas durante todo o ano e oferece atrações diversificadas como Turismo de sol e praia, ecológico, cultural, desportivo, além de diversão relacionada à música, às artes e aos grandes eventos, como o Carnaval.

Com tantas opções em uma única cidade, um segmento que vem obtendo muita procura, principalmente por estrangeiros, é o Turismo em Favela. As paisagens cariocas, em meio a sua natureza exuberante, emoldurada pelas favelas, chamam a

atenção de quem visita a Cidade Maravilhosa. Essa curiosidade muitas vezes perpassa o olhar externo e instiga os turistas a querer conhecer melhor e internamente esse espaço.

As favelas do Rio de Janeiro fazem parte da construção histórica da cidade, além disso, divulgam a imagem do Brasil em outros países. Não existe um dado exato que aponte a data de início da prática do turismo em favelas, mas seu “mito de origem”, como denominam Medeiros e Moraes (2015), foi no ano de 1992.

Dito isso, esse estudo tem como tema o Turismo em Favela e como delimitação do tema O Turismo e a comunidade da Favela da Rocinha no Rio de Janeiro/RJ.

Atualmente, o Turismo em Favela vem despertando interesse dos estrangeiros e brasileiros de outros estados ao visitarem a cidade do Rio de Janeiro. Mais de 09 agências comercializam os roteiros nas favelas e o número de participantes desses *tours* vem aumentando, dado esse que contribuiu para a construção do objetivo geral da pesquisa, que é Investigar a percepção do morador da comunidade em relação à prática do Turismo na Favela da Rocinha no Rio de Janeiro/ RJ.

Como objetivos específicos, busca descrever o histórico da cidade do Rio de Janeiro; conceituar o Turismo em Favela; caracterizar a prática de turismo em favela realizada por agências na Rocinha; descrever a história da Favela da Rocinha e a implantação do Turismo; verificar junto aos moradores que não estão diretamente relacionados ao Turismo a sua percepção quanto à prática do Turismo na comunidade. Considerando os objetivos propostos, tem-se o problema de pesquisa, que é: o morador da favela se sente incomodado em relação à prática de Turismo na comunidade?

Como hipótese, acredita-se que a maioria dos moradores que não têm envolvimento com atividade de turismo na comunidade, sentem-se incomodados com as visitas de forma turística na favela.

Quanto à metodologia, classifica-se como pesquisa exploratória e descritiva de natureza qualitativa (PRODANOV e FREITAS, 2013). Nos procedimentos técnicos foram utilizados a pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Na pesquisa bibliográfica utilizaram-se autores que tratavam do tema Turismo em Favela e autores do Turismo. Na pesquisa documental foram utilizados documentários sobre a formação da cidade do Rio de Janeiro e da Favela da Rocinha. No estudo de campo foi

realizada entrevista com roteiro semi-estruturado para 10 moradores da comunidade da Rocinha, no período entre 09 a 17 de julho de 2016. Nesse caso, a amostra caracteriza-se como não probabilística intencional (PRODANOV e FREITAS, 2013).

2 FAVELAS, DO PRECONCEITO À CURIOSIDADE

Com a pacificação dos morros do Rio, um tipo de passeio turístico diferente ganha força: o *tour* nas favelas. Seja conhecendo as comunidades por dentro ou do alto dos morros, visitantes brasileiros e estrangeiros têm procurado desbravar o que fica atrás dos cartões postais. Esse tipo de *tour* pode ser considerado uma atividade relativamente nova, mas a integração da favela no município do Rio de Janeiro é um assunto que faz parte do histórico da cidade. Ao tratar sobre essa questão é importante verificar a história de formação da cidade do Rio de Janeiro.

A história do Rio de Janeiro¹ inicia na Baía de Guanabara, em 1502, com a chegada da primeira expedição vinda de Portugal, com o intuito dos portugueses buscar novos mercados e mercadorias. Devido a chegada dos portugueses ter ocorrido no mês de janeiro, o local foi batizado como o nome de Rio de Janeiro. Com as primeiras visitas e ocupação do território, inicia-se a extração do Pau Brasil (SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO, A FORMAÇÃO DE UMA CIDADE, 2015).

No início, os portugueses realizavam idas e vindas sem permanência definitiva para o território brasileiro, mas se instalaram definitivamente na cidade por volta de 1530. A exploração e ocupação do local instigou o interesse pela Baía de Guanabara, principalmente devido a abundância de produtos tropicais (SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO, A FORMAÇÃO DE UMA CIDADE, 2015).

A partir do século XIX, com a mudança da Corte Real para o Rio de Janeiro, a cidade cresceu e se remodelou. No reinado de Dom Pedro I a economia prosperava com

¹Dados extraídos do audiovisual “SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO - A FORMAÇÃO DE UMA CIDADE”, o filme conta a história da cidade do Rio de Janeiro.

o café, seu cultivo era espalhado por toda cidade, nessa época já se notava a divisão de classes, acentuada pelo fato do Rio de Janeiro ser uma cidade escravista (SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO, A FORMAÇÃO DE UMA CIDADE, 2015).

Após a Guerra dos Canudos, em 1897, ocorre o início da favelização no Rio de Janeiro, muito disso por conta dos soldados que ficaram aguardando seu pagamento e se estabeleceram no Morro da Providência com suas famílias (SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO, A FORMAÇÃO DE UMA CIDADE, 2015).

O nome favela tem origem do sertão, no caso, da Bahia, onde há uma vegetação com este nome . As explicações sobre a relação da palavra ao significado que possui hoje se dão por vários motivos, dentre estes, destaca-se que a favela é uma planta bastante resistente, com espinhos, que se desenvolve em morros e áreas altas das localidades; outra versão diz que havia essa vegetação nos morros do Rio de Janeiro e que o termo se incorporou ao local, nos agrupamentos de comunidades (PLANTAS NATIVAS DA CAATINGA).

Já, para Valladares(2000), a palavra Favela veio substituir o nome de Morro da Providência. De acordo com a autora

para essa mudança de nome: primeiro, a existência neste morro da mesma vegetação que cobria o morro da Favella do Município de Monte Santo, na Bahia; segundo, o papel representado nessa guerra pelo morro da Favella de Monte Santo, cuja feroz resistência retardou o avanço final do exército da República sobre o arraial de Canudos. Se, no primeiro caso, a explicação está baseada numa similitude *tout court*², no segundo, a denominação morro da Favella vem revestida de um forte conteúdo simbólico que remete à resistência, à luta dos oprimidos contra um oponente forte e dominador (VALLADARES, 2000, p.09).

Com o decreto da abolição da escravatura, feito pela Princesa Isabel, em 1888, a cidade recebe muitos escravos vindos de outros lugares em busca de locais para morar e, muitas dessas pessoas, foram se abrigar em morros e nas periferias do Rio de Janeiro. As favelas começam a aumentar sua população e a fazer parte da identidade da cidade

² *Tout Court*: expressão francesa com o significado de simplesmente, sem mais nada (MICHAELIS, 2016).

com suas comunidades, um reflexo marcante da divisão de sociedade (SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO, A FORMAÇÃO DE UMA CIDADE, 2015).

Essa divisão pode ser acentuada ao se observar o que Valladares (2000) comenta sobre o conceito de "cortiço"³ que era descrito por médicos, jornalistas, entre outros profissionais que escreviam sobre o assunto, que, segundo a autora, estabeleceu a relação com que é entendido por favela atualmente.

No Rio de Janeiro, assim como na Europa, os primeiros interessados em esmiuçar a cena urbana e seus personagens populares voltaram sua atenção para o cortiço, considerado no século XIX como o locus da pobreza, espaço onde residiam alguns trabalhadores e se concentravam, em grande número, vadios e malandros, a chamada "classe perigosa". Caracterizado como verdadeiro "inferno social", o cortiço era tido como antro não apenas da vagabundagem e do crime, mas também das epidemias, constituindo uma ameaça às ordens moral e social. VALLADARES, 2000, p.07).

Segundo Abreu (1994, apud VALLADARES, 2000) por volta de 1920 a imprensa começa a utilizar a palavra favela como um subjetivo, fazendo referência às aglomerações pobres, com ocupações irregulares e, normalmente, nos morros.

Outro aspecto que pode ser observado é o de que, no início da favelização do Rio de Janeiro, já havia a conotação da favela ser o lugar onde pessoas de má índole ou mesmo mendigos iam morar. Valladares (2000) apresenta relatos de jornalistas da década de 1938 ao visitar as favelas cariocas. A seguir o relato do jornalista Luiz Edmundo, visitando o Morro de Santo Antônio, uma das favelas cariocas da época

Em Santo Antônio, outeiro pobre, apesar da situação em que se encrava na cidade, as moradas são, em grande maioria, feitas de improviso, de sobras e de farrapos, andrajosas e tristes como os seus moradores. [...] Por elas vivem mendigos, os autênticos, quando não se vão instalar pelas hospedarias da rua da Misericórdia, capoeiras, malandros, vagabundos de toda sorte, mulheres sem arrimo de parentes, velhos dos que já não podem mais trabalhar, crianças, enjeitados em meio a gente válida, porém, o que é pior, sem ajuda de trabalho, verdadeiros desprezados da sorte, esquecidos de Deus. (EDMUNDO 1938, apud VALLADARES, 2000, p. 10).

³ Grifo nosso.

Percebe-se que o discurso do jornalista sobre a favela estar se transformando num espaço desordenado e de pobreza extrema, aproxima o que foi dito anteriormente sobre cortiço. Ou seja, o discurso estabelece que a pobreza concentrada no centro do Rio de Janeiro em direção ao morros, estava "ameaçando o restante da cidade". (VALLADARES, 2000, p. 1).

Médicos e engenheiros se uniram para achar soluções que acabassem com os problemas sanitários e sociais indicados por eles e, na tentativa de encontrar uma solução, optaram por um projeto que visava a regularizar a favela, o que, segundo eles, a eliminaria naturalmente. O projeto estava em tentativas de expansão urbana, com a substituição das favelas por prédios populares de seis andares. A ideia era tornar os indivíduos proprietários de uma habitação pelo mesmo valor de um aluguel mensal" (VALLADARES, 2000, p.16).

Essa proposta não foi executada e acabaram vindo outras, inclusive com a presença de um arquiteto francês renomado na época, Alfred Agache que chegando ao Rio de Janeiro em 1927 fez estudos históricos e geográficos sobre a favela para estabelecer os parâmetros de urbanização e embelezamento da cidade (VALLADARES, 2000).

De acordo com Medeiros (2009) na década de 1960 a favela continuou a crescer e o discurso se mantinha sob as questões relacionadas à higiene e à marginalização de seus moradores. A autora comenta que o problema continuava,

A proximidade espacial com os bairros de classe média alta, urbanisticamente organizados e providos de equipamento e serviços urbanos, produziu um forte contraste social que serve de evidência auto-demonstrada da existência das duas cidades (MEDEIROS, 2009, p.144).

Já por volta de 1970, a favela parece começar a fazer parte do Rio de Janeiro, visto que alguns estudiosos e a própria imprensa descreviam que nas mesmas haviam famílias, associações, espírito cooperativo. Ao mesmo tempo a favela se socializava com o restante da cidade, ... identificou-se a existência de relações de socialidade entre "mundo da favela" e "mundo dos bairros", inicialmente pela inserção dos moradores da favela no mercado de trabalho". (MEDEIROS, 2009, p.144).

Outra questão foi o fato do governo de Leonel de Lima propor regularizar a posse da terra e a urbanização das favelas, reduzindo as incertezas de remoção e criando expectativas de melhoria das condições de vida. Dessa forma os moradores da favela não encontravam motivos para sair das mesmas (FARIA, 2004, p.84). Nos anos 80 houve crescimento demográfico no Rio de Janeiro, sendo que o maior percentual populacional era justamente nas favelas, conforme descreve Faria (2004, p.84):

... a população favelada do município do Rio de Janeiro cresceu a uma taxa de 1,5% ao ano, enquanto a população em geral crescia a uma taxa de 0,8% ao ano. Neste período surgiram muitas favelas, implicando em uma maior participação da população favelada nas diferentes regiões da cidade. Dos mil novos favelados do período 1970-1980, apenas 10% eram migrantes de longa distância: 1% nordestinos, 1% do interior do Estado do Rio de Janeiro e 8% de outras regiões do país).

Em 1990 a incapacidade do Estado de promover políticas habitacionais para a população de baixa renda acaba por intensificar o número residentes nas favelas.

A precariedade do trabalho gera instabilidade da renda, impedindo o acesso ao loteamento periférico e a autoconstrução da moradia, além dos altos custos de deslocamento com a mudança para a periferia da Região Metropolitana. A localização nas favelas centrais permite a inserção no mercado de trabalho. (FARIA, 2004, p.91).

As favelas normalmente têm um "traçado irregular das vias de acesso e na distribuição dos lotes. Os lotes, por sua vez, são subdivididos, isso faz com que a circulação nas mesmas seja feita por seus "becos e vielas tortuosas". (FARIA, 2004, p.124). Essa característica arquitetônica e os discursos veiculados pela mídia em relação à favela ser uma "cidade partida", um espaço de "desordem urbana", ou um "outro mundo social" conforme destaca Medeiros (2009, p. 144), acabam por instigar a curiosidade de escritores e de turistas.

Assim como as favelas cariocas cresceram, as discussões acerca do assunto se ampliaram e, hoje, arquitetos urbanistas observam a favela como um lugar de potencial econômico e criativo, que cada vez mais se urbanizam e se integram na malha urbana (GONZALES e CARVALHO, 2015).

2.1 DO DESCASO À ATRATIVIDADE

A favela turística está comemorando quase três décadas, o termo Turismo em Favela foi originado nos anos 90. Não existe um registro que demonstre qual foi o momento em que se iniciaram os *tours* pagos pelas Favelas do Rio de Janeiro. Já, em relação aos motivos pelo qual esse segmento expandiu, acredita-se que sua origem ocorreu no ano de 1992, durante a Conferência Internacional ECO-92, que foi realizada na Cidade do Rio de Janeiro. Durante a Conferência, a cidade abrigou mais de 30 mil pessoas, sendo que 100 destes seriam chefes de Estado e 10 mil jornalistas, entre outros profissionais e militantes das causas ecológicas (FREIRE-MEDEIROS, 2010).

Antes da realização da Conferência, as ruas por onde estavam circulando os visitantes foram limpas, sendo assim, várias favelas foram camufladas com uma tentativa de torná-las invisíveis aos olhos dos visitantes. O Exército manteve tanques de Guerra nas entradas das Favelas que eram mais próximas a Eco-92. Quando os noticiários acusaram o governo brasileiro de maquiagem a cidade para a conferência, lideranças de diversos movimentos sociais decidiram organizar uma visita na Favela da Rocinha.(FREIRE-MEDEIROS, 2010).

A partir desse momento a Rocinha se torna paradigma de Favela Turística, sendo a pioneira deste segmento no Brasil. Durante o evento, a favela recebeu delegados presentes na conferência e mais de 200 jornalistas com a intenção de mostrar as condições de vida de um morador de comunidade. Após isso, algumas agências de Turismo vislumbraram ali uma oportunidade de fomentação de um novo destino. Aos poucos, o Turismo em Favela estava se tornando completamente integrado à imagem do Rio de Janeiro.(FREIRE-MEDEIROS, 2010).

Além da favela da Rocinha, outras também se destacaram nos passeios turísticos, como a Favela do Vidigal, Santa Marta e Complexo do Alemão.

2.2 INTERPRETANDO O TURISMO NA FAVELA

As favelas vêm cada vez mais chamando a atenção dos observadores, curiosos, profissionais da engenharia, arquitetura, sociólogos e dos turistas. Para Medeiros (2009), a favela pode ser interpretada sob dois enfoques: a expansão dos chamados *reality tours* e a circulação, mundo afora, da favela como uma “marca”⁴, um signo a que estão associados significados ambivalentes que a colocam, a um só tempo, como território violento e local de autenticidades preservadas” (MEDEIROS, 2009, p.1). A autora complementa que pensar a favela como *reality tour* e como uma marca, são fenômenos que se completam.

Dito isso, é importante trazer o conceito de Turismo de Molina (2010), quando o autor trata o Turismo como sendo um fenômeno,

O conjunto de transformações que a sociedade experimentou nos últimos anos incidiu determinadamente na estrutura e no funcionamento do turismo. Não se trata de mudanças isoladas que alterem um ponto específico do fenômeno turístico - ainda que estas mudanças tenham começado dessa forma, como parcela, desvinculadas umas das outras -, mas sim da entrada em um novo liminar do desenvolvimento turístico que não pode ser explicado somente pelas tecnologias de projetos, pela quantidade dos serviços ou pela competitividade. Trata-se efetivamente de um novo paradigma que denominamos pós-turismo (MOLINA, 2003, p.9).

Ao pensar no Turismo sob o enfoque que Molina (2003) traz, tem-se o pensamento de Medeiros(2008), quando trata de um tema já apontado por John Urry(1995). Para a autora,

Afinal, como argumenta o sociólogo John Urry (1995), é preciso lembrar que a escolha de um determinado destino por parte do turista está baseada em uma “antecipação da experiência”, que se constitui em diálogo com as imagens do local veiculadas em diversos produtos midiáticos, imagens que criam uma moldura interpretativa e comportamental para o turista. No caso da favela turística, uma infinidade de produtos estão, direta ou indiretamente, sendo postos em ação. (MEDEIROS, 2009, p.20).

Medeiros (2010, p.34), em seus estudos, também questiona o comportamento dos moradores, quanto a seu envolvimento com os visitantes.

⁴ Grifo da autora.

Será que eles se sentem e se posicionam apenas como objetos do olhar estrangeiro ou também como personagens ativos de um encontro entre diferentes? Veem o turismo como uma possibilidade de desenvolvimento econômico ou como mais uma forma de exploração? Que nuances constroem e deixam transparecer entre a aprovação irrestrita e a desaprovação incondicional?

Sob essas questões se desenvolve este estudo, que pretende investigar a percepção do morador da comunidade em relação à prática do Turismo na Favela da Rocinha no Rio de Janeiro/ RJ e, com isso, a seguir, apresenta-se a Favela da Rocinha e o Turismo.

3 A FAVELA DA ROCINHA E O TURISMO

A Favela da Rocinha situa-se na zona sul do Rio de Janeiro, entre os Bairros da Gávea, Vidigal e São Conrado. Inicialmente, no século XVIII, era uma fazenda de gado e no início do século XIX essa fazenda já não existia mais. No lugar dela haviam vários sítios, onde os moradores plantavam verduras, frutas e afins (HISTÓRIA DA FAVELA DA ROCINHA).

Quando foi criada a Feira da Gávea, esses moradores passaram a vender o que era cultivado nesses sítios. Os frequentadores da Feira começaram a questionar de onde vinham tais produtos com alta qualidade e os comerciantes iam: “vem lá da minha Rocinha”. (HISTÓRIA DA FAVELA DA ROCINHA).

Nos anos 1930, o morro onde se situa a Favela da Rocinha, era cortado por uma pista de corrida de carros que possuía uma curva extremamente perigosa. As pessoas comentavam que já era uma vitória sair vivo dela. Próximo à pista começaram as primeiras invasões e as primeiras casas a ser construídas, muito disso devido à crise dos cafezais, quando os trabalhadores abandonaram as fazendas por não ter mais trabalho. As casas iam sendo construídas sempre no sentido de baixo para cima do morro, como se formam as favelas (HISTÓRIA DA FAVELA DA ROCINHA).

⁵ As informações sobre a Favela da Rocinha foram retiradas do Audiovisual

Após uma série de discussões envolvendo o governo estadual, jornalistas e profissionais da engenharia e da saúde, planejou-se terminar com a Favela da Rocinha. O objetivo era deslocar os moradores para a Comunidade Cidade de Deus. Isso em 1966, quando o Rio de Janeiro foi acometido por fortes chuvas e enorme enchente, deixando, na época, milhares de pessoas desabrigadas.

Em janeiro de 1966, o Rio de Janeiro sofreu uma das piores enchentes da sua história. As chuvas transbordaram rios, alagaram a cidade e causaram transtornos à vida do carioca. Cinco dias de temporal deixaram mais de 200 mortos e 50 mil desabrigados. (MEMÓRIA GLOBO).

Os moradores da Rocinha foram retirados, pois ali havia ocorrido muitos deslizamentos e desabamentos, o que acarretou em pessoas feridas e óbitos. Neste período a Rocinha abrigava cerca de dez mil moradores. Porém, os moradores recusaram-se a mudar-se do local e, com a posse do novo governador, o plano de acabar com a Rocinha foi esquecido (HISTÓRIA DA FAVELA DA ROCINHA).

Em relação ao movimento do crime e tráfico, tem-se os relatos de seu início na década de 1960, influenciados pela forte explosão demográfica na favela, ocorrida por volta de 1950 (HISTÓRIA DA FAVELA DA ROCINHA).

O Censo Demográfico 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) constatou que a comunidade da Rocinha é a mais populosa do país, com 69.161 habitantes; no ano de 2016, as estatísticas apontaram para 120 mil moradores (MAIOR FAVELA DO PAÍS).

A favela da Rocinha pode ser comparada a uma cidade, pois na mesma existem diversos comércios, escolas de educação pública, jornais comunitários, rádios comunitárias, posto de saúde, agências bancárias, linhas de ônibus, supermercados, entre uma série de outros serviços (BLOG DA ROCINHA).

Como se percebe, a Favela da Rocinha possui diversos elementos que chamam a atenção das pessoas para conhecê-la e, de acordo com Medeiros (2007) as emoções extremas favorecem esse deslocamento. "Arrisco sugerir que seja a capacidade de mo iliar emo es intensas e extremas, que v o al m do contemplativo e se sustentam a partir dos pilares da autenticidade e da auto-realização. MEDEIR , , p.62).

Para a autora, esse tipo de *tour* que contempla locais em zona de vulnerabilidade social, representam a autenticidade que muitos visitantes desejam conhecer (MEDEIROS,2009). Por outro lado, Medeiros (2007) entende que os moradores da Rocinha muitas vezes são vistos como sobreviventes de uma guerra.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi aplicada com os moradores da comunidade da Favela da Rocinha no dia 11 de julho de 2016. Ao todo foram entrevistados 10 moradores e, como critério, esses sujeitos da pesquisa não tinham nenhum tipo de fonte de renda relacionada ao turismo. A pesquisa foi dividida em dois tipos de questões, aquelas relacionadas ao perfil dos Pesquisados e as Questões Específicas. A seguir apresentam-se as respostas obtidas com os sujeitos da pesquisa.

4.1 PESQUISA APLICADA COM OS MORADORES DA FAVELA DA ROCINHA

Quanto ao sexo dos entrevistados, 90% da amostra eram homens e 10% mulheres, com a faixa etária de 18 a 32 anos. Sobre a escolaridade, 40% dos entrevistados possui o ensino médio completo, apenas um deles, representando 10% do total, tem o ensino superior em andamento, os demais ficam com o ensino fundamental completo e incompleto. Referente à cidade de nascimento, a maioria, 80%, nasceu no Rio de Janeiro. Sugere-se que esse fato esteja ligado à faixa etária dos entrevistados, na sua maioria jovens e também a existência da favela da Rocinha, com seu 51 anos (1966), desde seu surgimento.

Ao serem questionados sobre a ocupação profissional, 40% dos entrevistados trabalha como garçom/garçonete, 20% com vendas e os demais trabalham como mecânico, artista plástico e auxiliar de serviços gerais. Destaca-se que todos trabalham na Favela da Rocinha.

Sobre as questões específicas do questionário, os entrevistados foram interrogados sobre o que entendem por turismo, a maioria deles trouxe como resposta que era a prática de visitar outros lugares, que não faziam parte de seu

cotidiano ou que não conheciam, 30% do grupo não soube dizer o que significava ou não sabia dizer o que era.

Ao serem questionados sobre ter tido a oportunidade de visitar os atrativos turísticos do Rio de Janeiro, 60% dos entrevistados já visitou, em destaque dos passeios ficou o Cristo Redentor, uma das 7 maravilhas do mundo e o Pão de Açúcar, os 40% que não realizaram esses e nem outros passeios aos atrativos afirmam que não tem condições ou não tiveram oportunidade.

Referente aos moradores conhecerem os roteiros de turismo realizados na Favela da Rocinha, apenas 30% dos entrevistados conhece os *tours*, sendo que um deles já participou; 40% dos entrevistados não conhecem os roteiros; 30% não sabe exatamente como funcionam os roteiros, mas alegam que conhecem tudo na comunidade e, inclusive, algumas vezes já auxiliaram turistas perdidos na favela.

Quando questionados sobre os roteiros passarem perto de suas residências, 50% dos entrevistados confirma que os roteiros passam próximo ou em frente às suas casas, enquanto 20% deles não têm conhecimento dos passeios; os demais respondentes indicam que não sabem sobre os roteiros, mas já se depararam com estrangeiros próximos de sua moradia algumas vezes.

Questionados sobre os motivos que levam as pessoas vindas de outras cidades, estados brasileiros ou mesmo de outros países para conhecer a favela, as respostas foram diversificadas; 20% cita que provavelmente deve ser pela curiosidade; outros 20% dos entrevistados comenta sobre a Rocinha ser uma das maiores favelas da América Latina; os demais, num total de 60%, citam que o fato de uma morador de favela viver com pouco dinheiro, chama a atenção das pessoas, comenta que a mídia exagera nos comentários que não são reais e acaba gerando interesse nos visitantes; um dos entrevistados ressalta que os estrangeiros vem “se aproveitar, fazer esteiras e ainda falam mal dos brasileiros”. Interessante o destaque de um dos moradores que diz que a favela é a junção de “funk, ele a e por ela tem” um pedaço ilegível do Rio de Janeiro, e, atualmente, um ponto turístico da cidade. Sobre o comportamento dos turistas dentro da comunidade com os moradores, 20% dos entrevistados não respondeu a esse questionamento; 40% destacam que os turistas são “de boa”, “tranquilos”, “super

legais” “comportamento normal”, andam muito tranquilos dentro da favela. Um dos moradores teve uma resposta diferenciada entre o grupo destacando que: *“Turismo pra mim é uma parada um pouco estranha ainda porque ainda da forma como acontece aqui, existe uma crítica muito grande que fala que não é safari a palavra, daí os caras chegam no caminhão, no jeepzinho, deixam ali e passam e filmam tudo e tiram foto também, tá ligado? Sem pedir autorização, sei lá eu tenho a consciência um pouco sei lá que eu tô consciente nessas coisas e anda sim, me incomoda um pouco, tá ligado? Essa parada de ter alguém de fora registrando e olhando, não sei, não sei, pra mim ainda é um pouco estranho.”*

Após, os moradores foram questionados sobre terem visto alguém do meio artístico dentro da Rocinha, as respostas foram muito semelhantes entre os entrevistados, o destaque da pergunta foi o Rapper americano Ja Rule, visto por 30% dos entrevistados; 20% do grupo diz ter visto o ex-jogador de futebol Adriano Imperador, destacando ser uma pessoa “gente boa”; entre outras celebridades foram citadas Sheron Menezes e Luciano Hulk; 10% dos entrevistados comentou que não lembra da visita de pessoa do meio artístico e um dos entrevistados diz que já andou com Flavio Canto na favela, medalhista olímpico de Atenas.

A pergunta mais polêmica da pesquisa foi se os moradores se incomodavam com as visitas turísticas na Favela da Rocinha e as respostas de 70% dos entrevistados, foi de que não se importam com as visitas, entre eles um destacou que se sente orgulhoso, outro acrescentou que um dia será turista na terra dos estrangeiros. Dos 30% que se incomodam, nas suas respostas foi citado o incentivo à prostituição e questionamentos sobre os benefícios que disseram que teriam com os grandes eventos como a Copa do Mundo de 2014 e com a Olimpíada, que eles não conseguiram vislumbrar.

A última pergunta feita para os entrevistados foi se o turismo em favela estava contribuindo no desenvolvimento econômico e social na comunidade, 60% dos entrevistados afirmaram que sim, citando a criação de um hostel na comunidade e os gastos que os visitantes realizam na Favela com compras de artesanato, alimentação e

mesmo pagando para fotografar em espaços que detém vistas panorâmicas do Rio de Janeiro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após concluir a pesquisa realizada com os moradores da comunidade da Rocinha, a pesquisadora respondeu ao problema de pesquisa, indicando que a maioria dos moradores entrevistados da amostra, não se incomodam com as visitas turísticas. O fato do turista estar curioso com a sua realidade, não incomoda a maioria dos moradores. Um dos entrevistados destacou que sente orgulho em receber turistas no seu local de origem, mostrando que a favela é um lugar pacificado, diferente do sensacionalismo veiculado pela mídia.

Já em relação à hipótese apresentada no início do estudo de que os moradores se sentem incomodados com a presença de turistas, essa não pode ser comprovada, pois, diferente do resultado esperado pela autora, os moradores gostam da presença dos visitantes na favela. Ressaltam que a Favela da Rocinha é um ponto turístico do Rio de Janeiro, o que acaba por valorizar suas residências e seu próprio modo de vida.

Dito isso, entende-se que tanto os estrangeiros, como os brasileiros de outros estados já são peças do cotidiano dos “favelados”. Ou seja, dar informações para turistas perdidos no morro não é uma novidade. O fato é que a Rocinha e o turismo em favela é um negócio lucrativo para as agências de turismo envolvidas e os guias independentes, um destino cobiçado que desperta muita curiosidade e interesse, principalmente nos estrangeiros, e uma realidade cotidiana para seus moradores.

REFERÊNCIAS

FARIA, Teresa Cristina de Almeida. **Favelas na periferia: reprodução ou mudança nas formas de produção e acesso à terra e moradia pelos pobres na cidade do Rio de Janeiro nos anos 90.** Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **Entre tapas e beijos: a favela turística na perspectiva de seus moradores.** Soc. estado., Brasília, v. 25, n. 1, p. 33-51, Apr. 2010. Available

from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 de maio de 2016.

GONZALES, Ivo; CARVALHO, Juliana. YOUTUBE Canal Ciência e Letras - São Sebastião do Rio de Janeiro: A Formação de uma Cidade. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=H0UbaIHNM48> > Acesso em 20 de abril de 2016.

MAIOR FAVELA TURÍSTICA. **Maior favela do país, Rocinha, vive ônus e bônus de cidade grande.** Último segundo Brasil. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/maior-favela-do-pais-rocinha-vive-onus-e-bonus-de-cidade-grande/n1597417909808.html>. Acesso em agosto de 2016.

MEDEIROS, Bianca Freire; MORAES, Camila. **A favela como atração turística.** In: NETTO, Alexandre Panosso; ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. 1ed. São Paulo. Produtos Turísticos e novos segmentos de mercado. Editora: Manole, 2015.

_____, Bianca Freire. **Gringo na laje:** produção, circulação e Consumo da favela Turística. FGV: Rio de Janeiro, 2009.

MEMÓRIA GLOBO. Projeto Memória Rocinha reúne acervo histórico da comunidade na internet. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/projeto-memoria-rocinha-reune-acervo-historico-da-comunidade-na-internet-21065727>. Acesso em março de 2017.

MOLINA, Sérgio. **O Pós-Turismo.** São Paulo: Aleph, 2003.

NASCIMENTO, Karine. **Ciência e Cultura.** Agência de notícias em C&T Pesquisa Identifica plantas nativas da caatinga. Disponível em: < <http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/noticias/destaques/pesquisa-identifica-plantas-nativas-da-caatinga/> > Acessado em: 09 de março de 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho específico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

VALLADARES, Licia. **A gênese da favela carioca:** A produção anterior às ciências sociais. RBSC Vol. 15 nº 44, 2000.